

## UM LIVRO

SANTIAGO DO CHILE, junho — Li em uma só noite o livro "País de Bolsos Vazios", do Conselheiro Humberto Bastos. Ele escreve sobre economia de maneira amena e ao alcance de qualquer leitor; coisa louvável em se tratando de disciplina cujos praticantes não raro costumam complicar a terminologia indispensável com um jargão precioso e pernóstico.

Em uma dessas crônicas, Humberto Bastos chama a atenção para o fato pouco lembrado de ser o Brasil um grande importador de matérias-primas. Temos falta de quase todos os metais não-ferrosos, nossa indústria padece fome de estanho, zinco, chumbo e cobre. Os trabalhos de exploração que hoje se ativam não darão tão cedo para matar essa fome; ela, de resto, cresce com o comer, como vimos no caso da indústria siderúrgica. É interessante notar que um livro com um tal título, e que diz com frequência coisas bastante amargas, produz, ao fim, no leitor, uma reação otimista. Foi, pelo menos o que aconteceu comigo. A certa altura Humberto se lamenta pelo fato de sermos importadores de juta, cimento, trilhos e máquinas de costura. Ora, essa lamentação dentro em pouco já não caberá. Juta já produzimos suficiente, e não tardaremos a passar a exportadores; já fazemos pelo menos 90 por cento dos trilhos de que necessitamos, e também em matéria de cimento marchamos para a auto-suficiência. Depois de publicado o livro de Humberto, foi inaugurada, em São Paulo, a Singer, que, junto com as fábricas menores já existentes, abastecerá o nosso mercado de máquinas de costura. No campo dos não-ferrosos também há algumas boas notícias e esperanças, e, principalmente, uma enorme realidade que veio depois do livro: a inauguração de uma grande fábrica de alumínio, esta de capital totalmente brasileiro e particular — e financiamento pelo banco oficial de apenas 10 por cento!

A sensibilidade econômica de nossos cronistas políticos está tão absorvida pelo petróleo que me parece não se haver atentado bastante para a importância do feito desse industrial, o sr. Ermirio de Moraes. Foi positivamente contra a vontade de um grande grupo internacional que ele conseguiu levantar sua indústria, só segunda, em importância, a Volta Redonda.

Se não encontrou facilidades nos Estados Unidos e no Canadá ele apelou para técnicos italianos e máquinas compradas um pouco por toda parte na Europa; fez sua própria hidrelétrica, visto que a Light, tão generosamente ajudada no exterior pelo nosso escasso crédito, se mostrava sovina com a energia ao mesmo tempo que uma grande empresa estrangeira queria torpedear a iniciativa brasileira fabricando alumínio com energia bem barata de Paulo Afonso, obtida, a duras custas, com o modesto dinheirinho nacional. Vencemos essa parada; é uma coisa que alenta.

Em uma das crônicas Humberto Bastos apresenta um quadro interessantíssimo em que nossas unidades federativas aparecem divididas em três grupos, de acordo com certos índices econômicos. Nosso prezado conselheiro, sempre tão bem avisado, comete aqui um pequeno e gravíssimo erro — ao incluir o Espírito Santo no Grupo "B". Dentro de sua modéstia o Espírito Santo pertence, sem qualquer margem de dúvida, ao Grupo "A". Compare Humberto seus índices econômicos e sociais, e veja se não tenho razão. Basta dizer que, tão menor em terras e gentes, o Espírito Santo tem hoje um orçamento idêntico ao de Pernambuco. Em porcentagem de municípios com abastecimento de água — para dar um exemplo — estamos em primeiro lugar no Brasil. Crônica e abusivamente esquecido pela União, meu Estado é dos que oferecem hoje melhor campo ao emprego de capitais, pois sua economia já chegou a um nível em que ele facilmente se tornará um grande centro industrial, com uma posição geográfica e condições naturais esplêndidas. Ainda vou convidar esse conselheiro alagoano a dar um giro por minha terra.